

Sonho europeu¹

Jacinto Lucas Pires*

Esta história começa com uma mão aberta. Cinco comprimidos rosa-choque na palma rosa-suave de Mano Holt. Tirámos um cada um, o que sobrou ficou para ele. Era dele o automóvel, eram dele os remédios, era ele o anfitrião, acho que se pode dizer assim, das paisagens irredimíveis que passavam nas janelas. Um motor tão barulhento e um chassis tão estiloso que aquilo nem era um carro, era mesmo um automóvel. Marca Taurus. À frente, no lugar do morto, ia Rinehart, hirto e calado como um cão do deserto na berma da estrada. Todo penteadinho, cabelo puxado para trás. Quantos anos de intempéries para se forjar tão alta pinta. Uma magreza forte; o casaco de cabedal meio derretido, confundindo-se nos pulsos com a pele humana do dono. Rinehart, sobrevivente de duas temporadas na choldra e uma no manicómio. Rinehart, olhos de caubói-ven-à-cidade. Tipo um Elvis metido para dentro; uma espécie de sombra de um meio-irmão ou primo de um sócia do ator Harry Dean Stanton. Nem uma palavra. Uma só. Um poeta do caralho, conseguiu não dizer nada durante mil e tal quilómetros. Juro. Comigo atrás, iam Winston e Cleo, marido e mulher há dois anos. Separaram-se durante dois meses, voltaram a juntar-se. Ela, uma ruiva com um sorriso tramado, olhos capazes de refletir o mundo a desfazer-se num dia de chuva, um corpo feliz de miúda. Ele, um gajo porreiro, que não a merece minimamente. Holt, o anfitrião, era só um retângulo de olhar escuro no retrovisor. “Vamos”, dissera-me no baldio do estádio, de madrugada. Aquela hora burra em que é demasiado tarde ou demasiado cedo. O que é que eu podia fazer? O tipo é uma figura, uma lenda da zona leste. E, ali, embebido na neblina cor de pastilha elástica, parecia, não sei, dramático.

“Ora muito bons dias”, disse-me, olhando para o espaço por cima da minha cabeça como se me visse em forma de alma a elevar-me para o mundo espiritual.

“Então?” respondi. Pelo sorriso contido do homem, percebi que trazia material de qualidade.

Mas, desta vez, e tenho de o confessar aqui com todas as letras, Holt surpreendeu-me. Sim, surpreendeu-me de verdade. Já o devem ter visto, com certeza, debaixo do Viaduto Imperfeito ou, aí pelas seis-sete, na Rulote das Almôndegas Suecas. Um indivíduo rotundo, que se mexe com uma graça de balé. Desta vez, não me tentou

vender nada, coisíssima nenhuma. Só disse, “Vamos”, e eu fui. Não percebendo se era uma pergunta ou o quê, fui. Por via das dúvidas. É, esta era uma viagem desse tipo: por via das dúvidas.

No velhinho Taurus, a rolar dentro da música rouca de um motor 2.2 que devia mas era estar num museu ou numa igreja: Holt, Rinehart, Winston, Cleo e eu.

Luzes refletidas no alcatrão, nos vidros, nos céus. Riscos de cores, ideias fugazes. Enquanto saíamos da cidade, ninguém abriu o pio. Cada um sofrendo o comprimido à sua maneira, tentando adaptar a realidade que os olhos viam à realidade rosa-choque que só cada um de nós conhecia, usando para isso os pequenos truques habituais: ligeiras mudanças de olhar, delicados movimentos de língua dentro da boca fechada, rilhanço de dentes, dança de sobancelhas. Agora levantar uma, agora a outra, agora pestanejar uma tempestade de nos abrir a cara para sempre, e assim.

A estrada hipnótica. Do rádio, saía uma música de cordas que me fazia ver montanhas e bosques e mulheres felizes, daquelas das pinturas antigas que não tinham frios nem vergonhas e se passeavam entre as árvores e os bichos seminuas ou perfeitamente. Se acordava para o mundo por uns segundos, via o sono do homem no retrovisor. Os olhos de Holt estavam prontos a desligar-se, mas quem é que lhe ia dizer para parar? Ao meu lado, Winston dormia de boca aberta. Parecia não estar disponível para qualquer comentário. Nas curvas, caía ora para cima de mim, ora para cima de Cleo. Nessa altura, eu e ela trocávamos olhares tímidos que eram beijos telepáticos.

Há mês e meio, Linda deixara-me para fugir com um filho da mãe de um francês loiro. Num domingo, ainda por cima. Eu na cama, preso a uma das minhas gripes mal explicadas, aflito com suores frios e visões de anjos suicidas, e ela a meter as roupas na mala à pressa. “Adeusinho”, gritou-me, ao bater a porta. Um eco de passos nas escadas e, pronto, acabou-se. Foi a sabedoria que o meu amor me deixou de recordação: “Adeusinho”. Lembrava-me dela agora, ao olhar para Cleo. Não fora assim há muito tempo, mas ali, no silêncio barulhento do automóvel, sentia uma saudade no coração de cima e no coração de baixo como se um governo mau me tivesse enviado para um desses desertos do fim do mundo e eu não tivesse acesso ao mínimo vestígio feminino mais ou menos desde o século passado.

De repente, vieram para cima de nós duas bolas de luz. Dois sóis imensos na noite. De repente, íamos morrer. Não estava previsto, mas o mundo estava a acontecer contra nós, de repente. Dois sóis, esquisito. Não sei como é que uma coisa tão repentina pode demorar tanto tempo, mas sei que consegui pensar mil ideias durante essa fração de segundo. Mais à frente, se me lembrar, conto. A questão agora é que íamos morrer. Estava eu perdido assim nos meus pensamentos finais e Rinehart, que vinha há não sei quantas horas mudo como um faraó, lança a mão ao volante e vira o Taurus para a berma. Porra, meu. Não estava mesmo previsto. A buzina do camião dos faróis atravessou-nos as caras, e quem estava a dormir acordou são e salvo, amen.

Durante cinco segundos completos, ficámos calados, a respirar. Violoncelos no rádio.

“Vais tu a guiar”, disse Holt, como se não fosse nada, como se não tivesse tentado assassinar-nos com o seu sono pesado. “Vais tu a guiar”, disse, e saiu do automóvel. Pensando que a não-pergunta era para mim, saí também. E então é que percebi. O homem não teve de abrir a boca nem fazer cara nenhuma. Foi a postura, o modo como pôs o corpo. Mais do que me impedir a passagem, sugeria a ideia do punho dele nas minhas trombas. “Está um arzinho húmido, não é?...” disse-lhe, e voltei para o meu lugar no banco de trás.

Ficámos uma eternidade estacionados naquele nem-ata-nem-desata. Winston adormeceu, depois Cleo. Lá fora, Holt fumava um cigarro atrás do outro para não se transformar numa estátua de gelo. Até que Rinehart fez o obséquio de sair do lugar do morto para se ir sentar ao volante. Dito assim, não descrevo nem um terço do que foi esse retalho de vida. Rinehart é dono de um cheiro muito especial, o cheiro raríssimo do autêntico solitário, e o único movimento que senti nessa saída foi o do cheiro. Não há forma mais simples de o dizer. Uma nuvem dourada saiu do automóvel e bateu a porta. Num palco, seria dança, acreditem. Num púlpito, acreditem ou não, teologia. A limpeza com que o sacana fechou a porta e cruzou para o outro lado do Taurus fez-me esquecer de imediato a seca da espera. Andava com uma calma filosófica. O tempo dele não tinha a ver com relógios, não havia números para contar aquilo. Pois, nem palavras. Não sei dizer. Só sei que, com ele ao volante, eu já podia descansar.

E assim foi, mal acabámos a longa reta acelerada. Mas, primeiro, lembrei-me. Naquele segundo antes de sermos esmagados pelos círculos de luz da morte, no gigantesco instante entre a minha vida e o anónimo camião, eu vira coisas que nunca tinha visto. Coisas novas, recheadas de sabedoria, sentidos surpreendentes. Vira a verdade, e a verdade era Cleo como mulher antiga dos bosques a comer-me a cara infinitamente. Montanhas de música crescendo, escurecendo os céus, e a mulher em cima de mim, a revelar-me. Antes de adormecer, ou já dentro do primeiro sonho, pensei que, boa, aí estava uma ideia com futuro.

Cleo e Winston disseram que não tinham fome e foram jogar nas máquinas espanholas. Nós ficámos na mesa do fundo. O gordo ao meio, os magros dos lados. A empregada até se riu quando chegou ao pé de nós. Uma mulher com uns duzentos anos que, pela maneira como estava pintada, devia ter sido artista de variedades noutra encarnação. Curioso, encontrar uma figura tão pitoresca num restaurante de camionistas. “Nem me diga mais nada”, disse ela, mal chegou à nossa mesa.

“Uma paella”, respondeu Holt, que já devia conhecer o número. “E um jarro de tinto.”

A artista registou a ordem num aparelhómetro e, sem levantar os olhos, repetiu, “Nem me diga mais nada”. Quando se foi embora, Holt disse-nos que pagava ele o almoço, que fazia anos que Holt Sénior tinha falecido. Fiquei a pensar se também era uma piada.

A meio da paella, Cleo e Winston vieram ter connosco. Estavam muito contentes porque tinham ganho dinheiro suficiente nas máquinas para pagar duas cervejas. “Mas quanto é que meteram para jogar?” perguntei.

Eles olharam um para o outro, e só nessa altura é que perceberam que tinham gasto quase o dobro para receber aquelas moedas. “Somos estúpidos!” diziam, e riam. “Somos mesmo estúpidos!” E riam à gargalhada. Depois voltaram para as máquinas, a ver se lhes sacavam uma desforra.

Mas, quando acabámos a paella e o vinho e já só nos queríamos pôr a andar dali, não estavam em lado nenhum. Procurámos no restaurante e, cá fora, na estação de serviço. Chamámo-los alto e bom som. Tinham desaparecido.

“Olha, pena”, disse Holt, dirigindo-se para o Taurus.

Demorámos o máximo tempo de que fomos capazes para abrir as portas e nos sentarmos nos nossos lugares, e eles nada.

Holt ligou o motor. Ai a rouquidão jurássica de um Taurus 2.2. “Adeusinho”, disse cá para mim. Mas, nesse momento, Rinehart levantou o braço. Um daqueles seus gestos. A solenidade natural de um chefe índio, ó caneco. Levantou o braço a dizer “pára”, e um, dois, três segundos depois, apareceu o par Winston-Cleo. Juro. Os dois a correr, a agitar os braços, a gritar “esperem por nós!”, a compor a roupa, a arranjar o cabelo, a rir, tudo ao mesmo tempo.

Entraram, e o automóvel arrancou a abrir.

Holt ligou o rádio. Uma personagem de ópera cantava sobre o amor. Holt desligou o rádio.

Pouco depois, Winston fez hã-hã a avisar que ia falar. “Desculpem”, disse na sua vizinha nasalada, “é que fomos comer uns bocadillos e...”

O Taurus desatou todo à gargalhada. Ríamos contra as janelas, contra o teto, na cara uns dos outros. Não nos controlávamos, pura e simplesmente. Chorávamos a rir. Éramos assim literais. De um momento para o outro, parecíamos os irmãos Marx ou uma família normal em viagem. Durou quase uma hora a galhofa. Risos altos, baixos, inesperados. Até o mudo ria. Até o totó da piada ria. Até a mulher dele. De vez em quando, a coisa acalmava; depois alguém se lembrava dos “bocadillos” e, pronto, lá começava tudo outra vez.

Quando se fez silêncio, finalmente, Holt olhou pelo retrovisor. “Vou contar-vos uma história.”

Mas deixem-me contar primeiro a história dessa noite. Depois de muita discussão, acabámos por acampar num olival, na encosta de um monte sem nome. Uma escuridão desgraçada, nem luzes da estrada havia. “Acampar” é maneira de dizer. Não tínhamos tendas, claro, ou sacos-cama. Holt e Rinehart ficaram no Taurus, com os bancos reclinados para trás, e nós os três arriscámo-nos ao relento, munidos de umas mantinhas que o anfitrião desencantou do portabagagens. O casal Cleo-Winston escolheu uma oliveira a caminho do monte, e eu tive de avançar mais uns metros por entre umas trevas impossivelmente espessas. Se um cego pode sofrer vertigens, era assim que eu me sentia. Tinha os pés no chão e a sensação de que não parava de cair. Mesmo depois de me aninhar junto a um tronco que apalpei no escuro, a vertigem continuava a rodopiar por cima de mim, não havia maneira de assentar. Quando, por fim, adormeci, sonhei com motores sugando o negro da noite.

Um barulho acordou-me. Demorei a perceber onde estava. Era um som vivo, que ia e vinha. Que medo. Julguei que ia ser atacado por animais selvagens. Que mundo era aquele onde tinha acordado? Ou ainda estaria dentro do sonho? Levantei-me, para mostrar que era um homem. Devo ter lido nalgum sítio que é essa a primeira forma de defesa contra certos animais. E, mal fiz isso, percebi. Eram sons humanos. O barulho não era de animais selvagens. Eram sons humanos de acasalamento.

Voltei a deitar-me por baixo da manta, entretive-me com aquilo o melhor que pude, e readormeci. Não sei se passaram minutos ou horas até que outro som, um som afiado como se alguém rasgasse uma folha no escuro, me fez acordar de novo. Virei-me e vi um clarão.

Rinehart segurava uma tocha. À frente dele, uma mulher nua; junto à árvore, como Eva. Mais nua por estar de pé, numa noite de breu, no meio do campo. Muito branca, muito acesa e muito, perdoem-me a palavra, pura. Meu Deus, Cleo. Agora tapava-se com uma manta. Sim, era ela. Quase podia ver-lhe o brilho, aquela película de água que ela tinha sempre a cobrir-lhe os olhos. Sustive a respiração. Não queria perturbar nada do que tivesse de acontecer. O que estava escrito teria de acontecer, o mundo era para ir até ao fim. Ocorriam-me frases destas e, no entanto, eu não estava preparado para aquilo.

Sem sair do sítio, Rinehart esticava a tocha na direção da oliveira de Winston. Um gesto lento como o diabo; lento e leve, naquele jeito desprendido dele. Percebendo a deixa, a mulher regressava ao seu lugar. Tudo tinha a serenidade e a precisão de uma memória. Eu não conseguia tirar os olhos de Rinehart.

E, pode ter sido do sono, do frio, da vertigem, da confusão natural de quem acorda estremunhado no meio do nada, mas que eu vi o homem comer a chama, vi.

De manhã, seguimos viagem. Tomámos um bruto pequeno-almoço numa taberna de estrada, vímos um javali atropelado, enchemos o depósito, ouvimos os sucessos da rádio como se estivéssemos numa aula qualquer, cantámos refrões imbecis a plenos pulmões. Antes do almoço, Holt perguntou se nos importávamos de o acompanhar numa visita familiar.

“É por isso que nos pagas esta viagem toda?” perguntou Cleo, com um sorriso torto que não lhe conhecia. Holt pôs o olhar no retrovisor e não disse água vai ou água vem.

“Propriedade privada”, informava o letreiro no portão. Uma quinta de tamanho médio, com uma casa senhorial. Estacionado em frente à escadaria de pedra, o Taurus era a exata imagem de um peixe fora de água. Holt subiu as escadas, tocou à campainha. Bateu à porta. “Mãe!” gritou. E depois, mais alto, “Mamã!”

Dentro do carro, ninguém disse nada, mas sei que sentíamos o mesmo. Desconforto, vergonha alheia, pena. Pena, sim, daquele pobre homem que chamava pela mãe.

A casa era um longo corredor, com portas fechadas dos dois lados. Seguíamos atrás de Holt, ainda não tínhamos visto mais ninguém. As nossas solas guinchavam no soalho; as paredes largavam um cheiro a bolor e coisas mortas. Para disfarçar o desconforto, Winston comentou que o Camp Nou não era a mais de quarenta quilómetros dali. Holt seguia à frente, de cabeça baixa.

A história que nos contara no automóvel tinha como personagem principal um rapaz que podia ou não ser ele. Um menino fechado num quarto luxuoso. Pensei se essa prisão infantil estaria atrás de alguma daquelas portas.

Ao final do corredor, esperava-nos uma senhora filipina, muito baixa e vestida com uma farda de empregada tão limpa que parecia falsa. Com um sorriso, abriu-nos a porta. Se houvesse um crime, seria a suspeita número um.

“Longos braços te envolvam, meu querido”, disse então a voz eletrónica. No meio da sala barroca, cheia de tapetes, quadros antigos, móveis cobertos de bibelôs, a figura de branco. Uma múmia de ficção científica. Não, uma mulher, era uma mulher. De idade indefinida, presa a uma cadeira médica e ligada por tubos e cabos a duas máquinas incompreensíveis, uma de cada lado. Sorria para Holt. Se era ele o miúdo preso no quarto dos brinquedos dias a fio, talvez tivesse ido ali para se vingar. Bastar-lhe-ia arrancar os tubos e subornar a filipina. Seria isso? Seria para isso que ele nos tinha trazido, para lhe servirmos de testemunhas ou cúmplices? Para o ajudarmos, para confirmarmos o sucesso da sua vingança?

“Há tanto tempo, meu amor”, disse a mulher. A voz dessincronizada com o movimento dos lábios, mais um eco do que uma voz. Holt aproximou-se. “Há tanto

tempo”, repetiu a figura. Holt inclinou-se e beijou-a. Um beijo na boca, curto mas indesmentível. É agora, pensei, vai enfiar-lhe a faca na barriga, no peito, cortar-lhe o pescoço de orelha a orelha, sangrá-la pela garganta como se faz aos porcos. Mas ele limitou-se a sussurrar, “Mãã...”

Cá fora, antes de entrarmos no Taurus, deu-nos comprimidos, um a cada um. “Não é um agradecimento”, explicou.

E lá fomos nós a sonhar ideias por essa Europa fora.

“Não estamos longe do sítio onde morreu Walter Benjamin”, disse Winston, em voz baixa para não acordar Cleo. Eu estava cheio de vontade de lhe contar o que se passara na noite do olival, mas calei-me bem calado. Era Rinehart quem ia ao volante. Ao lado, Holt também dormia, de cabeça pendurada, a rressonar. A minha janela dava para a parede da grande montanha e eu pensava, Morrer aqui.

Na janela do outro lado, que dava para o céu, para o vale, para o abismo, Cleo dormia. Se me mantivesse muito quieto e concentrado conseguia ouvir o calor dela a voar até mim. Uma música sem notas, feita só das respirações afinadíssimas da pele. Não lhe via os olhos. Mas imaginava a cara dela contra o frio do vidro. E imaginava a cabeça da mulher, livre, a voar pelos céus azuis, igual a um pássaro, um espírito, um deus.

Já estava meio apaixonado por ela no começo da viagem. Mas, desde a noite passada, quando a vira nua contra a velha árvore, iluminada por uma luz de fogo, queria-a com tudo o que tinha. Antes, era só o meu corpo que pressentia naquela miúda de olhos sérios um mistério maior que o mundo. Agora a minha alma também já estava informada. Que ela se tivesse entregue a Rinehart não a diminuía em nada aos meus olhos. Pelo contrário. Agora sabia que ela era como eu, alguém que andava para aí a carregar o fardo tremendo da alegria. O que lhe punha água nos olhos era uma saudade da espécie da minha, agora tinha a certeza. A consciência de carregarmos demasiada alegria para a conseguirmos espalhar pela Terra em tempo de vida.

“Não tens medo deles?” sussurrou-me Winston, apontando os bancos da frente com as sobancelhas. “Esta noite, sonhei que Holt nos levava a uma fábrica muito para leste, para Rinehart nos executar, a nós os três, os do banco de trás. Uma fábrica de sapatos, acho. E depois vendiam-nos por partes a uma rede de tráfico de órgãos. Somos novos, saudáveis e mais ou menos bonitos. Não é assim muito rebuscado, pois não?”

“Não penses demais, meu. Concentra-te no que tens à tua frente. Aproveita o momento.”

“Mas, à minha frente... estão eles.”

Foi nessa noite que começámos a tratar Holt por médico. Parámos num parque de diversões chamado Cenário e comemos croissants a olhar a montanha-russa. Todos menos Rinehart, que ficou no automóvel a descansar. A montanha-russa não era grande mas era uma beleza. Parecia um desenho daquele holandês dos desenhos impossíveis. O comboinho fazia a subida maior de pernas para o ar mas, ao descer, já estava normal, um enigma do camandro. Lá no alto, devia haver um truque qualquer, uma reviravolta muito bem disfarçada. Não sei, a coisa era mágica. A olhar para aquilo não precisávamos de comprimidos.

Passado um bocado, Cleo levantou-se. Anunciou que ia levar um croissant a Rinehart e voltava já. “Queres que vá contigo?” disse Winston. Mas ela não ouviu ou fez que não ouviu, e ele também não repetiu a pergunta porque na verdade não queria ir. Uma noite cristalina, acho que é assim que os livros falam de noites daquelas. Cleo pegou no croissant, Holt murmurou qualquer coisa sobre o instinto maternal e a conversa desmantelou-se.

Ficámos os três em silêncio a vê-la afastar-se.

O movimento regular, simétrico, descontraído, de um belo rabo de mulher dentro de umas calças de ganga justas e coçadas afastando-se num crepúsculo límpido pontuado por luzes de cores primárias, acho que não há nada mais lírico do que isso, caramba.

Mal Cleo desapareceu da vista, Holt disse que se encontrava connosco no Taurus daí a duas horas. Estava a acabar-se-lhe o dinheiro e precisava de vender alguns comprimidos. “Se precisarem de mim antes, perguntem pelo médico.”

“Quem é o médico?” disse Wilson.

“É ele”, disse eu.

Wilson virou-se para Holt. “O quê, tu és médico?”

Holt olhou para mim como quem diz “este tipo está a gozar, não?”. Mas eu, tenho de confessar, não estive à altura. De repente, baralhei-me. Pensei que, se calhar, eu é que me distraíra com a saída de Cleo e percebera tudo mal. E não disse nada; limitei-me a olhá-lo de volta com a minha melhor cara de parvo.

“Aqui sou conhecido por médico, está bem?” respondeu Holt, virando-nos as costas.

Winston falava-me do seu amor por lugares, nomes e coincidências, e de como a Terra e a História eram irmãs, e quais as estrelas que se viam ou não viam em zonas com iluminação artificial, e eu sofria por ele. Cada minuto que Cleo demorava a regressar do parque de estacionamento era mais um centímetro de cornos na testa daquele sujeito simpático e sensível.

Por outro lado, imaginava-a sem roupa dentro do Taurus, as janelas opacas da respiração, a cumprir o ritual sempre novo da sua alegria desmesurada, e isso, a bem dizer, também me animava um bocado.

Quando voltou, dizendo que não tinha encontrado Rinehart, que ele afinal não estava no carro, perguntei-lhe, “E o croissant?”

“Ah”, disse Cleo, abrindo muito os olhos, aqueles olhos aguados, mais velhos, mais sábios do que ela. “Comi-o”.

Trabalhei no Museu de Arte Antiga durante um ano. Juro. Sei que, agora, a olhar para mim, parece impossível, mas eu era uma daquelas pessoas que estão nas salas dos quadros, vestidas com roupas quadradas, a fazer figura de corpo presente. Às vezes, tinha de dizer a algum miúdo, “Cuidado, não toques nisso”. O resto do tempo ficava sentado a ler. Histórias de anjos e zombies; espadas mágicas, sexo na lama, piadas tristes. Um dia, fui acordado do meu livro por uma voz aguda de mulher.

“Peço perdão, mas... como é que se vai para o séc. XVI?”

Afinal, a voz pertencia a um homem muito baixo, gasto e corcunda, apoiado numa muleta de madeira. Uma personagem caída de uma das pinturas, dava ideia. Olhava-me de olhos arregalados, torcido de aflição, como um menino perdido dos pais.

Levantei-me de imediato e aponte-lhe o caminho para o século de Brueghel, o Velho. E, enquanto o corcunda se afastava pelo corredor, a voz dele, sumida mas clarinha, apanhava-me pelas costas, o que, claro, não fazia sentido nenhum. E o que a voz dizia era: “A beleza é uma maldição, a beleza é uma maldição, é uma maldição a beleza.”

Na janela do Taurus o céu noturno correndo, sempre diferente, e eu a lembrar-me desse dia no Museu. Cleo dormia, os homens guardavam silêncio. Seria um demónio, o corcunda, ou um mensageiro do Bem? Ou só um oráculo, que diz o que vai ser, e pronto? Deveria eu afastar-me da beleza sem fim daquela mulher? Ou, pelo contrário, seria eu chamado a salvá-la da sua maldição?

Parámos numa oficina de estrada, a meio da noite, para substituir as pastilhas dos travões que vinham a cantar há horas. Winston abriu a janela, cheirou o ar do sítio e

anunciou que o tratado que instituiu a livre circulação de pessoas na União Europeia tinha sido assinado praticamente ali.

“Isso é muito bonito”, disse Cleo.

Sáímos todos, Holt levou o bólido para a garagem e pôs-se à conversa com o mecânico. Ao fundo, contra a luz, os dois lembravam sacerdotes a discutir o mistério.

Passou um camião, aceso como um sinal, depois outro, um eco?, uma sombra?, e quando dei por mim, estava sozinho.

Não sabia onde pôr as mãos, em que pensar, e sentia-me desamparado naquela lonjura. Para disfarçar o embaraço, pus-me a andar. Se a circulação era livre, então eu ia circular, ora essa. Um pé atrás do outro, mãos juntas atrás das costas, queixo levantado. Entretinha-me fingindo interesse por colunas de pneus velhos, tabelas de números inúteis, ervas nascidas no cimento. Qual especialista no museu, circulei e circulei. Fui descobri-lo nas traseiras do casinhoto da lavagem de automóveis.

Estava meio de costas a gesticular na direção das árvores. Seriam faias? Nunca percebi nada de árvores, talvez fossem faias. Não importa: ali começava um bosque, e Rinehart conversava com ele. Não saía do sítio, só mexia as mãos e os braços, e muito devagar, mas era de uma eloquência espantosa. Tive de ficar parado a olhar. Passado um tempo, julguei perceber que o homem escutava as árvores com as palmas das mãos e lhes respondia com o movimento dos braços. Mas que sei eu? Gestos demorados, ínfimos, que amplificavam a quietude geral. Lembro-me que havia um vento a balançar por cima do bosque como um título, lembro-me de um cheiro fresco a terra e erva, lembro-me de pensar que tinha de contar aquilo a alguém.

Nota

¹ Conto publicado pela primeira vez em *Doutor Doente*, de Jacinto Lucas Pires, Edições Húmus, 2021.